

DITO, NÃO DITO, ENTRE-DITOS: CONTRIBUIÇÕES CAMARADAS PARA A FORMAÇÃO DE ESTAGIÁRIOS E EDUCADORES SOCIAIS

Viviane Gorgatti¹

Resumo: Este escrito irá acompanhar o processo de formação presente na ONG Camará. Formação enquanto uma experiência viva e uma oferta ética, que deverá ser experienciada através do cuidado. Essas ideias visam refletir sobre as práticas exercidas no trabalho do Camará, assim como identificar e refletir as interfaces que são derivadas destas ações. Sendo assim, ela tem por objetivo principal identificar quais os aspectos no funcionamento da ONG contribuem para uma formação implicada, reflexiva e articulada com as políticas: políticas de saúde, políticas de educação, políticas de proteção social, políticas de subjetividade. Os conceitos de “placement” de Winnicott e de “aprendizagem inventiva” de Kastrup serão importantes contribuições que irão compor com esse trabalho. Espera-se, através desse acompanhamento de experiências de formação, acessar, habitar e descrever os planos de forças que participam e intervêm nas mudanças de posturas e posicionamentos no trabalho desenvolvido no Camará.

Palavras-chave: Educação; aprendizagem; políticas.

Introdução

Essa comunicação tem como proposta contar um pouco as primeiras ideias e experiências que me levaram a integrar o Mestrado Profissional (MP) viabilizado pela Universidade Federal de São Paulo – Campus Baixada Santista (UNIFESP-BS).

Há quatro anos faço a preceptoria de estagiários de psicologia da UNIFESP-BS no Centro Camará de Pesquisa e Apoio à Infância e Adolescência, localizado na cidade de São Vicente – SP (popularmente conhecido como Camará). Estou na ONG há 15 anos na qualidade de psicóloga cedida pela Prefeitura Municipal de São Vicente. Sou funcionária pública, e isto tem relevância! Penso que este trabalho servirá para resgatar o sentido desta exclamação.

Anteriormente à função de preceptora eu já desempenhava um trabalho que avalio ser muito próximo a este, qual seja, dava suporte às intervenções de um grupo de adolescentes e jovens que conosco estiveram. Tais adolescentes e jovens adentraram ao Camará na condição de público alvo de algum dos projetos realizados, mas, no decorrer do tempo foram sendo identificados e formados para desempenharem ações junto a outros adolescentes. Eles se tornaram monitores de atividades e, posteriormente, educadores sociais.

A experiência e a vontade de acompanhar processos formativos faz parte do meu caminhar. Supervisionei trabalhos de redução de danos no município de Santos e, atualmente, além de trabalhar no Camará, também atuo como supervisora em dois equipamentos da Saúde Mental de São Bernardo do Campo: CAPS I e CAPS ADI.

O Camará

O Camará se organiza em ações micro e macropolíticas. Não somos uma ONG que recorta uma especificidade de fazer, e também não caminhamos paralelamente ao poder público. Optamos por atuar em conectividade com o poder público porque desejamos fomentar o diálogo

¹ Mestranda do Programa Ensino em Ciências da Saúde na Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Psicóloga do Centro Camará de pesquisa e apoio à infância e adolescência em São Vicente/SP (ONG Camará) e longa trajetória em serviços de saúde mental na região da Baixada Santista. E-mail: vgorgatti@yahoo.com.br.

e identificar as tensões. Tensões estas que se atualizam permanentemente e se expressam no fazer, isto é, nas ações diretamente voltadas para a vida existente nos territórios, abarcando singularidades e coletividades (ações micropolíticas), e nas ações que interferem nos processos de formulações de políticas públicas como: participação em conselhos, ações de articulação e mobilização social (ações macropolíticas).

Uma importante decisão que o Camará desde seu início assumiu: convoca o público para sua interioridade. Trabalhamos para todos, sem grandes recortes. O foco é a infância e a adolescência, mas tudo pode se conectar a elas. O adulto como familiar, o adulto que é morador do bairro, os serviços que compõe seu território, seu município, sua região, o meio ambiente a que pertence, o planeta e tudo mais que tivermos pernas, braços, pensamentos e coração para alcançar, ou melhor dizendo, se lançar em todo esse tempo-espaço.

Tal complexidade caminha sempre numa crescente. Nossos grupos desterritorializam saberes instituídos. Tarefa necessária diante de valores que assumimos, mas paradoxalmente árdua e instigante. Sempre muito intensa!

No percurso que devo seguir pretendo dar atenção àquilo que, até então nomeei de “Contribuições camaradas para a formação dos estagiários e educadores sociais”.

O adjetivo camarada dá alguma pista do caminho a seguir. Tratarei da dimensão da personalidade, da implicação de todos no processo de formação. Tratarei também dos afetos, aspectos que envolvem a dimensão do cuidado. O termo camarada, como substantivo também será investigado, o conceito de PLACEMENT, advindo da obra do psicanalista Winnicott, terá esta finalidade. (SAFRA, 2006).

Desde a fundação da ONG, o nome Camará foi escolhido no sentido de afirmar a ideia de coletivo, isto é, companheiro de luta. Camaradas são aqueles que sustentam coletivamente as batalhas. Investigarei o substantivo e o adjetivo camarada, na formação dos estagiários e educadores sociais.

Ao afirmar o desejo de incluir estas duas dimensões, quais sejam, uma formação camarada (adjetivo), num coletivo de educadores, crianças, jovens e afins, que se reconheçam pertencentes ao coletivo Camará (os camaradas, substantivo), adentrarei num campo de investigação onde pretendo apontar os atravessamentos de questões condizentes ao *Ethos* Humano. Abrindo para a indagação: Como contribuir para formação de pessoas autônomas que marquem o mundo com gestos criativos?

Discutir o conceito de formação dará a base para esta dissertação. O que é formar? Formar para que, para quem?

Quando escolho me inclinar para refletir sobre formação, opto pelo eixo da Educação Permanente em Saúde. A indagação primeira é: Quais seriam as possíveis contribuições para a formação de um profissional? De antemão entendendo que estas contribuições não seriam da ordem de uma qualificação profissional, nem estariam focadas nos aspectos intelectivos.

Na contemporaneidade, recorrentemente, se usa a palavra formação para designar um conjunto de orientações, preceitos, normas, condutas que são ofertadas a outrem. Transmite-se algo que já está posto, os saberes instituídos. O movimento desta dita aprendizagem caminha no sentido de fora para dentro, ou seja, alguém oferece algo que é assumido como verdade e então, passa a ser reproduzido. Há um sentido para tanto? Este sentido sustenta intenção? Intenção de domínio, de subjugo? Existiria uma crença na universalidade da verdade neste modelo? Muitas perguntas poderiam ofertar direções diferentes para um trabalho que visa tratar do tema da formação.

Os estagiários que conosco estiveram, em sua grande maioria, disseram ter escolhido o Camará por razões afinadas com a invenção, o desejo de romper com os modelos prontos, ter a experiência viva como norte e almejar por processos criativos que podem ser narrados e investigados. Mas como é isso?

O trabalho que vem sendo desenvolvido no Camará tem dado pistas que as autorias estão se expressando. Os estagiários e educadores estão se implicando e comunicando estilos próprios; perguntas vivas, carregadas de angústias, surpresas, provocações e alegrias.

No recorte sobre o processo formativo que pretendo imprimir a esta pesquisa, suponho que o que sustenta a experiência dos estagiários e educadores é a oferta de cuidado e a coesão do coletivo. Cuidado no sentido ontológico do termo. Nesta escrita não pretendo dar ênfase ao aspecto ôntico do cuidado, isto é, o cuidado enquanto uma ação desejável frente aos infortúnios do mundo circundante, ou melhor, o cuidado que surge como uma convocação diante de algo sofrido, insalubre ou patológico, mas sim, o seu aspecto ontológico, isto é, seu lugar fundante nos processos de constituição do humano.

Avalio que a construção de uma “identidade profissional singularizada”², seja favorecida a partir de tais experiências. Ao investigar este processo de formação, penso que possamos também observar os desdobramentos desta experiência no trabalho em ato, pois entendo que ela apareça em cadeia. Ser cuidado, experimentar o PLACEMENT, agir com potência criativa, contribui para que o mesmo aconteça com todos aqueles que deste trabalho participam. A vivacidade que se alcança numa experiência de sentido e pertencimento, experiência de se reconhecer existente na interioridade do outro faz emanar uma presença viva que desponta para o gesto criativo.

Estar acompanhado para suportar o medo que o novo descortina é importantíssimo. O novo com seus riscos, o novo com sua imprevisibilidade expressa potência no coletivo.

Outro grande norteador para esta escrita será a Educação Permanente em movimento. No mundo do trabalho somos produtores, formamos e somos formados com o trabalho. O exercício do pensamento e do conhecimento é vivo e orgânico, diferentemente de um processo de educação continuada onde organiza-se um pensamento que já estava elaborado.

Reconhecendo, evocamos o novo, abrimos para novas trocas de conhecimento consigo e novas trocas com os outros, aquilo que no título desta dissertação nomeei de ENTRE-DITOS.

A política entendida como uma tomada de posição diante de si e do mundo é por onde anseio caminhar.

Kastrup (2005) apresenta duas políticas distintas que serão emblemáticas para que possamos analisar visões de homem e de mundo que operaram na produção da subjetividade, são elas: política de reconhecimento e política de cognição inventiva. Neste momento abordarei aquilo que entendi ser o caminho escolhido pela autora para apresentar esta questão.

Kastrup se refere ao pensamento de Deleuze frente à questão da aprendizagem, e utiliza o conceito de devir para ajudar na sua explanação. Aprendizagem entendida não como uma busca de solução de problemas, aquisição de conteúdos ou mesmo adaptação à realidade, mas aprendizagem como produção de subjetividades. Este é um ponto nodal e relevante para explicitar por onde pretendo seguir.

Entender a aprendizagem como uma potência na invenção de novos problemas dialoga com a lógica que se posiciona a favor da produção de sujeitos críticos e emancipados. Estes posicionamentos dialogam/tensionam diversas áreas de ação.

Partirei da formação, pois este é o foco que pretendo imprimir na minha investigação. Nos caminhos apresentados por Kastrup é interessante resgatar a ideia de que invenção não deve ser atribuída a um sujeito. Sujeito e objeto são efeitos, resultados do processo de invenção. É a ação, a experiência que configura o sujeito e o objeto, o si e o mundo. Não existe uma trilha, uma linearidade. É uma produção à deriva, marcada por processos disruptivos, acoplados com as forças do mundo.

² Não gosto desta expressão e pretendo ao longo deste trabalho denominar melhor. Aceito sugestões! Buscarei referências no pensamento de Kastrup, principalmente naquilo que se refere a um posicionamento diante de modelos de políticas de cognição e na apresentação de conceito de aprendizagem inventiva. Segundo a autora, política é construção, produção e carrega intencionalidades. Ver: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v26n93/27279.pdf>>.

No trabalho de conclusão da especialização (Formação e Cuidado em Rede)³ levantei questões referentes à visão representacional de apreensão do mundo, já expressando inquietações quanto a um caráter reducionista desta. Dito de outra maneira por Kastrup, a cognição entendida como processo representacional visa à busca de princípios invariantes.

Para Kastrup e Varela o mundo perturba, mas não informa. *Breakdown*, perturbação, significa momentos de invenção de problemas e estes conceitos dão sustentação ao posicionamento de que não existe mundo prévio, nem sujeito preexistente. O si e o mundo são co-engendrados pela ação, de modo recíproco e indissolúvel. (SANCOVSCHI e KASTRUP, 2008).

É neste ponto que percebo uma potência das ações formadoras configuradas nas redes, nos encontros dos coletivos, nas ações no território. Vamos a campo, não com a ideia de ensinar algo, mas entendendo que o encontro terá a potência do novo. Perseguimos por caminhos sinuosos, trazemos a dimensão do risco, da construção coletiva.

Formar, aprender, estar num co-engendramento sujeito/mundo é sempre afirmar processo, continuidades. O produto e o processo estarão indissolúvelmente conectados. Os problemas estarão sendo criados. O ser sempre inacabado está em marcha.

Referências

- KASTRUP, V. Aprendizagem, arte e invenção. *Psicol. Estud.*, Maringá, v. 6, n. 1, 2001.
- KASTRUP, V. Políticas cognitivas na formação do professor e o problema do devir-mestre. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 26, n. 93, p. 1273-1288, set./dez. 2005.
- SAFRA, G. *A face estética do self: teoria e clínica*. São Paulo: Unimarco Editora, 2005.
- SAFRA, G. *A po-ética na clínica contemporânea*. Aparecida: Idéias e Letras, 2004.
- SAFRA, G. *O pensamento de Winnicott* (Série: Clínica Winnicotiana por Gilberto Safra em CD), São Paulo: Sobornost, 2008.
- SAFRA, G. Placement: modelo clínico para o acompanhamento terapêutico. *Psyche (São Paulo)*, São Paulo, v. 10, n. 18, set. 2006.
- SANCOVSCHI, B.; KASTRUP, V. Algumas ressonâncias entre a abordagem enativa e a psicologia histórico-cultural. *Fractal, Rev. Psicol.*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 165-181, Junho 2008.

³ TCC apresentado na UNIFESP – campus Baixada Santista (out/2014) sob o título: “PLACEMENT e CUIDADO – EXPERIÊNCIAS PRA VALER”.